

O FUTEBOL É UM TERRITÓRIO MASCULINO?

Arthur Müller

EE Friedrich Von Voith

Resumo

O presente relato se debruça sobre as práticas pedagógicas ocorridas na EE Friedrich Von Voith, em que a visita dos estudantes do curso de pedagogia, da Faculdade de Educação da universidade de São Paulo, possível através do PIBID (programa institucional de bolsas de iniciação docente), colaborou demais para a desconstrução das representações que as crianças carregavam – e carregam – sobre a prática do futebol. O trabalho foi realizado com uma turma do 5º ano do ensino fundamental, com aproximadamente 35 crianças. Tematizamos o futebol a partir do mapeamento realizado no entorno escolar, em que verificamos a disponibilidade de recursos e acessos às crianças no que se refere ao lazer e a prática do futebol. Durante a tematização, proporcionamos aos estudantes variadas práticas a partir das pesquisas realizadas. Meninos e meninas puderam vivenciar outras formas de se jogar o futebol. Através de imagens e vídeos, ampliamos e aprofundamos os conhecimentos acerca dessa manifestação corporal. Uma vez que os discursos masculinizados sobre a prática avançavam, propomos as crianças formas variadas de reflexão, sempre na tentativa de reconstruir a representação que carregam sobre quem pode e quem não pode realizar determinada prática.

Palavras-chave: Educação Física, Currículo Cultural, Futebol, Gênero.

Introdução

A presente escrita se debruça sobre um trabalho realizado na escola estadual Friedrich Von Voith, localizada na zona norte da capital paulista, em uma região periférica, com poucas alternativas de lazer e cultura para a comunidade. A seguir, relataremos as ações didáticas realizadas com uma turma do 5º ano do ensino fundamental, durante a tematização do futebol. As práticas em questão estão fundamentadas tanto no plano anual quanto no documento oficial da escola. Dessa forma, garantimos a contextualização das mesmas, não incorrendo ao erro de tratarmos a Educação Física e seus conteúdos de forma anacrônica e alienada da sociedade que vivemos.

As problematizações realizadas durante os estudos são pautadas em um currículo culturalmente orientado e mediados de acordo com seus aparecimentos, sem qualquer previsão sobre os mesmos. Sobre esse assunto, ressaltamos uma das características mais marcantes no que tange o currículo cultural de Educação Física: as problematizações não são previstas e são organizadas a partir do momento em que elas ocorrem. Isso não

implica em dizer que não há planejamento sobre as ações didáticas. Claro que há, mas elas ocorrem aula a aula. E isso acontece porque um currículo culturalmente orientado está atento às vozes discentes.

As teorias pós-críticas alertam que todas as práticas corporais, enquanto textos da cultura, são perpassados por relações de poder que têm na classe, etnia, gênero, religião, geração, nível de habilidade etc., algum de seus marcadores sociais. (AGUIAR; NEIRA, 2016, p.75)

Se levarmos em consideração que as práticas corporais são atravessadas por discursos de poder e, ao se distanciarem daquelas consideradas hegemônicas, são desconsideradas, marginalizadas e subjugadas, podemos compreender como são determinadas quem são as pessoas que têm permissão para realizar essas práticas. Assim, verificamos na sociedade em que vivemos práticas masculinizadas e outras feminilizadas.

Esse discurso chega às escolas. Os estudantes, ao adentrarem o ambiente escolar, já possuem suas representações de mundo e não raro podemos verificar que eles/elas também emitem seus pareceres sobre quem pode e quem não pode realizar determinadas práticas.

Nessa esteira, a aula de Educação Física assume a responsabilidade de proporcionar aos alunos/alunas a maior quantidade de informações, advindas das mais variadas fontes (principalmente se não for aquelas legitimadas historicamente pela própria escola), desfazendo a visão turva e monocultural que certas manifestações corporais ainda têm.

Outra função inexorável da Educação Física é ressignificar o corpo, transcendendo o estereótipo construído na contemporaneidade. Deve-se formar criticamente o aluno, intervindo de maneira a leva-lo a reconhecer as diferenças, o seu corpo e o do outro. (COSTA; NEIRA, 2016, p. 42)

Isto posto, tematizamos com as crianças o futebol e suas variadas práticas. Durante o percurso dos trabalhos, as questões de gênero se tornaram muito presentes. As crianças com essa idade (entre 9 e 10 anos), tendem a classificar os sucessos e fracassos nos jogos e nas mais variadas atividades de acordo com o gênero¹, desta forma, esse discurso é muito presente nas aulas. O docente pautado no currículo cultural e atendo a essas

¹ Atualmente, os estudos, principalmente da teoria *Queer*, avançaram no entendimento sobre gênero. Afirma-se que a simples polarização homem e mulher não traduz a questão como um todo, uma vez que os grupos representados pelos cis, trans (travestis, transexuais, crossdressers, agêneras, bigêneras, genderfuck, e tantas outras classificações). Para o presente relato, nos apoiamos nos discursos bipolarizado que a crianças trouxeram, no que tange o que os homens podem e o que as mulheres podem.

questões, deve problematizar essas situações, propondo a análise e a reflexão aos estudantes. Desta forma, pensamos contribuir para a desconstrução das representações, principalmente aquelas que geram preconceito e desigualdades.

Tematizando o futebol e problematizando o gênero

O presente relato é referente aos estudos sobre o futebol realizado junto às crianças do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual, situada na zona norte de São Paulo, próxima ao pico do Jaraguá. A comunidade em que a escola se encontra é carente no que diz respeito a oferta de lazer e cultura².

Após realizar o mapeamento no entorno escolar, verifiquei que a prática do futebol é muito presente nos poucos espaços em que as crianças têm à disposição. Porém, as crianças não frequentam esses espaços por motivos diversos. A fim de verificar se essa observação estava correta, retornei nas duas praças próximas a escolas mais algumas vezes e em horários diferentes. Lá encontrei os mesmos grupos de adolescentes e adultos jogando futebol. Na continuidade do trabalho e com o objetivo de coletar mais informações que proporcionassem um mapeamento mais detalhado, elaborei um questionário para entregar aos pais e as mães quando viesse a reunião.

Para iniciar os trabalhos é fundamental coletar informações acerca do patrimônio cultural esportivo das crianças, que abrange conhecimentos e representações referentes aos esportes vivenciados, disponíveis no entorno da escola ou presentes no universo mais amplo, aqui incluídos os meios de comunicação. Recomenda-se, entre outras ações, um passeio pelas ruas do bairro e conversas com os membros da comunidade. (NEIRA, 2014, p.143)

Ainda com a pretensão de ampliar a quantidade de material que permitisse um melhor mapeamento da prática, conversei com as crianças sobre o futebol. As crianças reforçaram as informações coletadas e completaram, dizendo que além de se tratar de espaços exclusivos aos “mais velhos”, somente os meninos circulavam pelas quadras, o que reforçava o discurso masculinizado sobre o futebol e seus praticantes.

Realizamos com as crianças uma roda de conversa sobre o futebol para verificarmos o que sabiam e o que não sabiam sobre o esporte; como praticavam o esporte, como jogavam, quais os critérios eram utilizados para que os times fossem distribuídos, quais as regras que conheciam e quais que utilizavam no momento do jogo,

² Recentemente, bem após a finalização dessa escrita, foi inaugurado um shopping center na região.

quem conseguia praticar o futebol dentro da escola e fora dela. De acordo com Aguiar et al (2016), o reconhecimento da cultura corporal dos estudantes está presente a partir do mapeamento. Já nessa discussão, ficou bastante nítido a representação que as crianças têm acerca do futebol. A grande maioria associou sua prática com força, agilidade e habilidade que, segundo eles e elas, são características dos meninos.

“Para jogar bem futebol precisa correr, precisa chutar forte e precisa ter habilidade para driblar. As meninas não conseguem fazer isso.” (Trecho retirado do Caderno de Registros³)

De largada, já identifiquei a primeira problematização que deveríamos abordar com as crianças. Com isso, para a aula seguinte, levei as crianças para a sala de informática para que pudéssemos pesquisar sobre as diferentes formas de se realizar o futebol, afim de ampliar os conhecimentos discentes.

As crianças ficaram surpresas quando leram matérias sobre como o futebol era visto e praticado em outros países. Aos poucos, perceberam que a exposição e a prática que temos aqui no Brasil não é a mesma que em países como EUA, Noruega, Suécia, alguns países da África. Nesses locais, a prática do futebol feminino era maior do que a masculina. Ainda nessa aula e com as informações coletadas durante as pesquisas, realizei uma roda de conversa, problematizando os campeonatos e qual o papel da mulher dentro dessa prática.

Carlos⁴: Meninos têm mais habilidade do que as meninas para jogar futebol. É só ver quem joga mais. Tem muito mais menino jogando bola do que menina.

Pietro: Perto da minha casa só tem menino jogando futebol.

Carlos: É porque é jogo que menino se dá bem. Sabe as regras e sabe como jogar.

Maurício: Meninas choram muito. Não dá para dividir com elas. Elas se machucam e ficam bravas. Aí saem do jogo.

Laura: Nada a ver. Menina pode jogar futebol com menino se quiser. Tem menina que sabe jogar futebol muito bem.

Regina: Eu não gosto de futebol. É muito violento.

Professor: O futebol é muito violento? Por que, Regina?

Regina: Os jogadores sempre se machucam. Toda hora caem no chão.

Lucas: Mas nem sempre é porque machucou. Às vezes é só fingimento.
(Caderno de Registros)

³ Todas as aulas são registradas, seja com foto, vídeos ou comentários das crianças e do professor. Esse material é reunido no chamado Caderno de Registros que, dentre outras funções, serve para recolher a maior quantidade possível de material para análise e reflexão, auxiliando nas reorganizações didáticas sempre que necessário. É uma prática recorrente nas aulas de Educação Física dessa turma.

⁴ Os nomes das crianças foram alterados a fim de garantir a privacidade.

Pelo trecho acima, ficou clara a representação que as crianças carregam sobre quem pode participar do futebol⁵. Outras falas também foram nesse sentido: “*Elas jogam diferente*”, “*Elas ligam mais para bonecas e piquenique*”, “*as mulheres que jogam futebol parecem homens*”. Por essa razão, a partir das pesquisas realizadas, fomos para a quadra vivenciar os diferentes tipos de futebol.



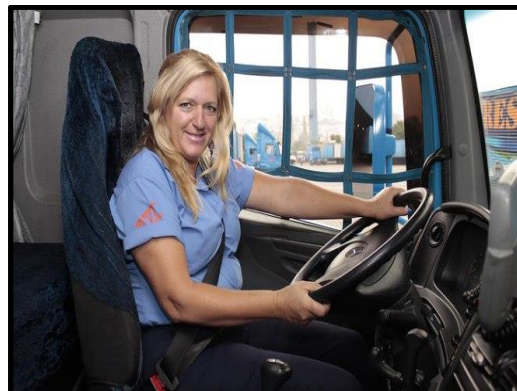
Após realizamos todas as vivências dos jogos que as crianças tinham pesquisado, selecionamos um filme chamado “Ela é o cara”⁶ para que as os estudantes pudessem aprofundar os conhecimentos acerca da prática em questão. Uma vez que o tema central do filme gira em torno de uma menina que se faz passar por menino para poder jogar futebol, problematizamos juntos as turmas a legitimação que meninos têm e a “proibição” social dada às meninas. A partir das rodas de conversas, pudemos perceber que as crianças ainda carregam representações bem definidas sobre as diferentes representações. O futebol, por exemplo, ainda é visto como prática tipicamente masculinizada.

Em seguida, trouxemos para os estudantes várias imagens sobre algumas profissões. O objetivo aqui foi problematizar a questão de gênero que perpassa também as diferentes profissões. Em outras palavras, essa ação pedagógica visava provocar os

⁵ Durante a pesquisa, foi levantado também as principais regras do jogo, países praticantes e os principais campeonatos realizados no mundo.

⁶ Maiores informações sobre o filme podem ser obtidas em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-119461/creditos>. Acesso em 16/10/2016.

estudantes em direção a um debate que tivesse como tema central a masculinização e a feminilização de certas práticas e profissões. Após os alunos e alunas verem todas as imagens, iniciamos uma roda de conversa.



As imagens foram escolhidas propositadamente, mesmo que as representações sejam exageradas. A ideia era problematizar, sob o ponto de vista das crianças, qual o lugar que homens e mulheres ocupam na sociedade. E mais; quem determina esses lugares. Nesse entendimento, propusemos as crianças três imagens que retratassem primeiro uma atividade que historicamente foi (e ainda é) considerada como tipicamente feminina. A imagem dois nos remete a uma atividade historicamente relacionada ao universo masculino. Já na terceira, tentamos problematizar um lar em que as tarefas são divididas entre o casal, sem que o critério seja o gênero.

Após as discussões, em que as crianças deixaram claro que entendem que as tarefas não podem ser determinadas pelo gênero. “Homens e mulheres têm os mesmos direitos e por isso, podem fazer a atividade que quiserem”, “Tem homens jogando futebol e mulheres jogando futebol. Se a menina for boa, qual o problema de ela jogar?”⁷.

⁷ Não alinhamos nosso pensamento com essa frase, dita por uma criança. Não entendemos que as meninas têm o direito de jogar quanto possuem habilidades para isso, até porque, de qual habilidade estamos falando? Quem determina quem é habilidoso e quem não? Altmann (2015), afirma que o espaço masculino pode e deve ser utilizado pelas meninas a partir do momento em que elas se apropriam de certas habilidades. Dessa forma, a autora incentiva as meninas cada vez mais a praticarem as atividades historicamente masculinizadas. Esse pensamento nos faz compreender que a “justiça” ou “nivelamento” de oportunidades só se dá a partir do momento que as meninas se apropriam das práticas consideradas masculinas. Não

Questionamos, em seguida, se somente aquelas que têm habilidade são bem-vindas na quadra durante os jogos. A maioria das crianças, nesse momento, se posicionou contra as divisões e contra a seleção a partir de habilidades. Segundo o que nos relataram, entendem que a aula de Educação Física é um momento em que todos e todas podem realizar.

Caminhando pelas orientações do currículo cultural e com a pretensão de proporcionar uma nova problematização ainda essa esteira, trouxemos para as crianças várias imagens que corroboram com a divisão de tarefas e atividades de acordo com o gênero:



Nessa primeira imagem, dois bebês aparecem brincando, mas somente pela foto, não se pode afirmar quem é menino e quem é menina. Na verdade, sem que haja qualquer tipo de legenda, não se pode fazer tal afirmação.



Já nessa segunda foto, as crianças aparecem correndo. De acordo com a maioria dos alunos e alunas, o garoto de verde está na frente de todos, porque, na opinião da sala (a maioria), o garoto de vermelho é nitidamente mais forte e mais rápido. *“Professor, dá para perceber, porque a menina é muito pequena. Ela não tem como correr mais que ele”*. A figura em questão mostra a menina de branco a frente das demais.



Já a terceira figura mostra duas crianças brincando e apesar dos alunos e das alunas discutirem muito sobre quem é o menino e quem é a menina, não chegamos a uma conclusão. Algumas crianças disseram que nessa idade, não existem brincadeiras próprias para meninos e para meninas. Todos podem brincar daquilo que quiser. Porém, quando se posicionaram sobre as cores, afirmaram que azul, marrom, preto são “cores de menino”

coadunamos com esse pensamento. Alinhar a partir das habilidades motoras não dialoga com um currículo culturalmente orientado de Educação Física.

e rosa, verde claro, amarelo claro, são “cores de meninas”. Louro (2010) afirma que vão se produzindo as desigualdades e separando os sujeitos através de múltiplos mecanismos de classificação, seleção, hierarquização e normatização.

Com essas informações, fomos novamente a sala de informática para recolher pesquisas sobre as questões supracitadas. Dessa forma, analisamos as diferentes vestimentas utilizadas pelos homens e pelas mulheres. Como exemplo disso, a imagem de Jaden Smith⁸ foi colocada para discussão.



A partir das imagens, lemos um texto sobre a utilização das saias, bem como a sua criação⁹ e como essa vestimenta foi, através dos tempos, se caracterizando como uma peça do armário feminino. Para que as crianças pudessem estabelecer uma ligação com a prática estudada (o futebol), propomos para as crianças a reflexão, a partir de imagens, da modificação que os estádios sofreram, as regras, as táticas, os equipamentos (bolas, chuteiras e roupas) e os centros de treinamento, fazendo com que o futebol adquirisse um caráter profissional. Como forma de aprofundar os conhecimentos das crianças, organizamos um passeio para o Museu do Futebol¹⁰. Lá, as crianças puderam ver como o esporte que conhecemos hoje foi, durante os tempos, se modificando, seja em decorrência da melhora da tecnologia, seja para atender as necessidades da televisão.

⁸ Filho do ator Will Smith, de 16 anos que, recentemente, adotou como peça de seu vestuário, o vestido.

⁹ Disponível em <<http://teussvestidos.wordpress.com/2011/06/29/a-mulher-e-as-calcas-nos-anos-40/>>

¹⁰ Para maiores informações, acesse <http://www.museudofutebol.org.br/>

Durante nossa visita, as crianças viram e anotaram muitos dados sobre o futebol feminino. Alguns questionamentos vieram a tona já na volta de nossa visita. As crianças ficaram incomodadas em saber que o futebol feminino é desprezado pelas grandes mídias.

Na aula seguinte, solicitei que as crianças realizassem um registro sobre os estudos que havíamos realizado. Em pequenos grupos, os alunos e alunas confeccionaram cartazes sobre os pontos mais relevantes (na opinião deles e delas) sobre o que representa o futebol. Algumas crianças resolveram escrever palavras de reivindicação por uma abertura e apoio maior ao futebol feminino. Esses cartazes, por ideia das crianças, foram espalhados pela escola. E nas aulas seguintes, eles e elas se organizaram para passarem em todas as salas, explicando os principais pontos pesquisados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, C.A., NEIRA, M. G. O ensino da Educação Física: dos métodos ginásticos à perspectiva cultura. In: NEIRA, M. G. **A reflexão e a prática do ensino médio**. São Paulo: Blucher, 2016.

AGUIAR, A. A. D., MÜLLER, A., NUNES, H, C, B., LIMA, M. F. Relações de gênero na prática do futebol. In: NEIRA.M. G., NUNES, M. L. F. (orgs). **Educação Física cultural: escritas sobre a prática**. São Paulo: CRV, 2016.

ALTMANN, H. **Educação Física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015.

COSTA, L. M., NEIRA, M. G. O ensino da Educação Física: dos métodos ginásticos à perspectiva cultura. In: NEIRA, M. G. **A reflexão e a prática do ensino médio**. São Paulo: Blucher, 2016.

LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2010.

NEIRA, M. G. **Práticas corporais**. Brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginástica. São Paulo: Melhoramentos, 2014.